BOUDICA E O USO DE SUA FIGURA FEMININA

A U T O R

Tais Pagoto Bélo

Doutoranda do Departamento de História/ IFCH/ UNICAMP

Orientador: Pedro Paulo Funari

Contato: taispbelo@gmail.com

R E S U M O

Este artigo objetiva demonstrar como o passado é utilizado para problematizações do presente e como a historiografia sofreu certas mudanças para abraçar novos temas de pesquisa, como os estudos de gênero. Particularmente, nesse trabalho vai ser demonstrado como a figura feminina de Boudica foi utilizada socialmente em alguns episódios da história da Inglaterra e como ela ainda é glorificada como um ícone feminista e nacional.

Palavras-chave: Boudica – Império Britânico – feminismo.

A QUESTÃO DA PÓS-MODERNIDADE – CONTRIBUIÇÕES HISTORIOGRÁFICAS

Primeiramente este trabalho apresentará algumas modificações teóricas que a História passou nos últimos tempos. Com isso, busca-se, aqui, contextualizar, dentro de todas essas mudanças, como se originou projetos de pesquisa sobre o tema gênero. E é nessa conjuntura de profundas mudanças historiográficas que irão surgir propensões de tópicos nunca antes pronunciadas nesse meio.

Sendo assim, pode-se constatar que aconteceu uma crise na História, a qual foi consequência da deficiência observada no século XX sobre os ideais Iluministas do século XIX, que foram construídos por inclinações estabelecidas pelo Renascimento do século XVI e pelo Racionalismo do século XVII. Porém, é esse ideal das Luzes que contribuiu para a construção das bases científicas posteriores e que criticou instituições já solidificadas naquele momento, assim como, o Estado Absolutista e o Cristianismo.

Anteriormente, no século XIX foi incorporado a concepção desenvolvimentista e evolucionista de homem e de mundo que foi demonstrada e teorizada por Charles Darwin (1869), em sua obra *The origin of species*, e que enfatizava a evolução das espécies e o progresso dos seres humanos. Logo, o pensamento evolucionista e o pensamento teleológico, que tinha como intuito o estudo filosófico dos fins e dos propósitos, influenciaram diretamente intelectuais como Hegel, Kant, Comte e Marx, que, assim, contribuíram para uma tradição intelectual que é respeitada até os dias de hoje e que configurou a modernidade.

Foi no século XX que a crise dos paradigmas do século XIX se tornou perceptível por diversos aspectos, ou seja, pela rejeição dos modelos empiricistas, positivistas e do ceticismo em relação às metanarrativas, além do surgimento de críticas sobre a busca das origens, da verdade histórica e

dos essencialismos. A concepção de verdade, existente anteriormente, dava lugar a perspectivas sociais e culturalistas, as quais percebem indivíduos e práticas como construções discursivas. Dessa forma, o campo historiográfico passa a demonstrar uma perspectiva histórica mais democrática, includente e revisionista (Silva, 2004).

Sendo assim, percebeu-se um esgotamento da modernidade, a desconfiança das verdades absolutas, das grandes generalizações e discursos totalizantes, acabando com os valores, concepções e modelos tradicionais, dando origem a uma nova história que não mais se satisfará com a relação de passado e presente, continuísmo histórico, origens determinadas, significações ideais, e assim por diante. Esses grandes modelos explicativos, passam a ser vistos com desconfiança nas teorias sociais. Contudo, essa suspeita acabou por resultar em uma crise dos paradigmas modernos, a qual, atualmente, decore discussões nas ciências que colocam em questão o critério de verdade epistemológica criada no Iluminismo, além dos modelos racionalizantes do século XIX.

Portanto, nos últimos tempos os historiadores começaram a contextualizar essa crise como uma reação ao modernismo, e por isso, este momento começou a ser denominado como pós-modernismo, com algumas controvérsias até os dias de hoje.

A origem desse conceito foi inicialmente utilizado nos anos de 1930, na Espanha, com a pretensão de descrever um refluxo conservador dentro do próprio modernismo, tendo conhecido diferentes conotações nas décadas consecutivas no campo da literatura, artes e ciências (Funari & Silva, 2008). Segundo Funari e Silva (2008), essas transformações trazem em seu bojo novos padrões de compreensão dos homens, das culturas e do mundo, sendo que, colocam que duas condições são definidoras da pós-modernidade, ou seja, a incredulidade sobre as metanarrativas e a morte dos centros¹.

O pós-modernismo se estabeleceu, assim, a partir do fracasso de um dito projeto social iluminista, e é nesse contexto de revisão teórica que se insere a ideia de uma pós-modernidade, abrindo as portas, nos estudos historiográficos, à História Cultural e a temas diferenciados, assim como, por exemplo, a questão de gênero. E ainda, nesse mesmo contexto, consolida-se o critério da subjetividade através de nomes como Nietzsche (1844 – 1900), Foucault (1926 – 1984) e Derrida (1930 – 2004).

¹O primeiro está relacionado ao descrédito nos grandes discursos explicadores dos atos humanos. E o segundo, a desconfiança sobre os essencialismos definidores de sujeitos.

A ABERTURA PARA OS ESTUDOS DE GÊNERO

É importante explicar que os estudos de gênero não dizem respeito apenas a história das mulheres, mas sim das relações dos dois sexos, homens e mulheres, dessa forma, pode debruçar-se também sobre temas como o homossexualismo, transexualismo e afins. Entretanto, foi com a inovação do surgimento da história das mulheres que essas outras categorias começaram a ser exploradas.

A abertura para esse tipo de estudo aumentou abruptamente nos últimos anos dentro do domínio das Ciências Humanas, assim como na História, Sociologia e Antropologia. Esse *boom* intelectual nessa área, não apenas foi consequência de estudiosos como Michel Foucault e pelo espaço conquistado pelos estudos da História Cultural, mas, também, em grande parte, por

movimentos feministas iniciados nos anos 30. Pode-se afirmar que essa recente abordagem sobre as mulheres se deu pelo fato da inovação do papel feminino no quadro da sociedade e das novas condições assumidas por elas, as quais mostram-se, atualmente, numa outra relação com os homens e se preocupam em primeiro lugar com a vida profissional, enquanto que no passado, elas unicamente se dedicavam à maternidade. Portanto, é convenientemente dizer que esta nova inserção das mulheres nos estudos humanísticos se deve a nova relação delas nas sociedades ocidentais contemporâneas.

Sendo assim, é nesse palco de mudanças dos paradigmas das Ciências Humanas, crise da modernidade, das metanarrativas, dos essencialismos que grupos ditos 'excluídos', assim como negros, mulheres, gays, lésbicas e outros, vão reivindicar o direito de se tornarem objetos da história e de escreverem sua própria história (Silva, 2004). Dessa forma, na esteira desse processo, criou-se debates e problematizações sobre esse assunto dentro do pensamento intelectual acadêmico.

BOUDICA: NO PASSADO E NO PRESENTE

Os escritores antigos, Tácito e Dião Cássio, escreveram em primeira mão sobre Boudica nas obras *Anais*, *A vida de Agrícola* e *História de Roma*. Diziam que ela tinha vivido no primeiro século depois de Cristo, durante a presença do Império Romano na ilha da Bretanha, que foi uma rainha Bretã, da tribo dos Icení, junto com seu marido Prazutago.

No início, sua tribo tinha uma boa relação com os romanos, mas os contratempos entre eles se iniciaram depois da troca de governante da província, o qual começou a exigir leis que os Bretões não concordaram em cumprir. Nesse contexto, decorreu-se a morte de seu companheiro, suas filhas foram violentadas e ela açoitada pelos oficiais romanos. Depois desse episódio decidiu, numa ação de vingança, formar um exército contra os assentamentos do Império.

A estratégia da guerreira iniciou-se enquanto os romanos estavam guerreando contra uma tribo de druidas na ilha de Mona. Ela, junto com sua tribo e os Trinovantes, iniciaram um ataque contra Camulodunum, atual Colchester, depois Londinium, atual Londres e mais tarde Verulamium, atual Sant Albans. Seguindo-se logo, a batalha final contra o exército romano.

A investida dos romanos contra a tribo de druidas aconteceu devido ao fato que eles eram homens sagrados e respeitados pelos Bretões, tendo assim, livre acesso à todas as tribos. Esta movimentação facilitava a comunicação e troca de informações de uma tribo Bretã a outra. Sentindo-se ameaçados os romanos investiram um ataque contra eles.

Os escritores da Antiguidade, que escreveram sobre ela, tinham como função contar aos romanos, através de suas narrativas, os grandes feitos do Império. Eles faziam parte de uma sociedade que era desacostumada a ver uma mulher como governante e muito menos como comandante de um exército. Dessa forma, Boudica foi descrita por eles como uma mulher masculinizada, que tinha o tamanho, a voz e as armas de um homem, além da ineficácia de sua liderança.

Contudo, estes textos antigos foram lidos e relidos posteriormente, e

assim, autores e artistas readaptaram essa mesma história, em muitos casos, de acordo com o contexto social em que viviam. Essas obras são poemas, peças de teatro, esculturas, livros, pinturas, trabalhos políticos e até charges que envolveram a figura feminina da Boudica.

Por muito tempo, muitas governantes mulheres que a Inglaterra teve sofreram com o preconceito devido ao seu gênero enquanto estavam no cargo de líder, um desses exemplos, foi a rainha Elizabeth I. Contudo, os escritores desse período acabaram utilizando a figura de Boudica como propaganda e como escudo da rainha. Ela se tornou um foco da atenção durante esse período, sendo retratada como uma mulher patriota que lutou bravamente contra os romanos. Além disso, como o avô de Elizabeth era do País de Gales, e os galeses eram considerados descendentes diretos dos Bretões, ela acabou por se identificar muito com Boudica, sendo as duas figuras focos de comparações e contrastes (MIKALACHKI, 1998).

Dois exemplos de obras que descreviam Boudica em comparação a rainha Elizabeth I são de John Speed, de 1611, chamada *The History of Great Britaine*; outra obra que segue com o mesmo viés é *The exemplary lives and memorable acts of nine the most worthy women of the word*, de 1640, do autor Thomas Heywood.

Posteriormente, depois da morte de Elizabeth, Boudica ainda era desenhada com vestes semelhantes as dela, porém as críticas diante de sua imagem começaram a ser muito mais acirradas. Um exemplo disso foi a obra de John Fletcher que ficou em cartaz entre os anos de 1609 a 1614, adaptada por George Powell em 1696 e mais tarde por George Colman em 1778 e 1837. Fletcher deixou claro que suas visões foram baseadas nos relatos de Dião Cássio e Tácito. Dessa forma, roubava detalhes dos escritores, porém inventava ações para fazer com que sua peça ficasse mais dramática. Contudo, nelas, as mulheres tinham papéis negativos, além de mostrar que Boudica era totalmente inadequada para lidar com negócios masculinos, como por exemplo, política e guerra. Ele deixou claro que os britânicos se tornaram gloriosos quando se juntaram aos romanos (WILLIAMS, 1999; CRAWFORD, 1999). O caráter negativo que Fletcher dá a Boudica teve maiores impactos nos 50 e 100 anos posteriores a estréia de sua peça.

Em 1753, Richard Glover, em sua peça de teatro, denominada *Boadicea*, também a representou totalmente hostil, seus atos falhos sempre eram associados ao seu gênero, ou seja, esse trabalho era uma versão exagerada de Fletcher.

Entretanto, é no século XIX que Boudica passa a ser retratada como uma guerreira com suas duas filhas sobre sua carroça. Uma obra que retrata esse aspecto chama-se *Complete History of England*, de 1757, de Tobias Smollett. A intenção, nesse período, era modelar Boudica como uma figura patrioticamente heroica, de inspiração nacional, da literatura e da arte, devido a expansão do Império Britânico, ou seja, para demonstrar as origens e a grandeza do passado da nação inglesa.

Nesse contexto, William Cowper, 1782, escreve a obra *Boudicea: an ode*, na qual apresenta Boudica como sendo assexuada e como um ícone

de triunfo e heroísmo Britânico. Seus atos eram descritos para demonstrar o desenvolvimento do Império, com um significado imperial, além disso, foram removidos da obra todos os aspectos que demonstravam a ambição e a agressão da personagem, ou seja, sua imagem fora construída de uma forma que fosse aceita na época.

Foi em meio ao palco da ascensão do Império Britânico, que a rainha Vitória, muito afeiçoada a figura de Boudica, até porque Boudica significa 'vitória' no galês antigo (Webster, 1978), pediu que fizessem a construção de uma estátua em homenagem a personagem, a qual foi levantada em Londres, pelo artista Thomas Thornycroft, próxima a ponde de Westminster, as margens do rio Tâmsa, em frente ao parlamento Britânico, em oposição ao Big Ben. Foi construído um ícone da grandeza inglesa em um lugar estratégico, ou seja, no centro político e de poder Britânico e que parece olhar por toda a cidade como se fosse uma guardiã. A estátua, feita em bronze, foi entregue pronta pelo filho do artista, Hamo Thornycroft, em 1905.

(http://1.bp.blogspot.com/_2Gu10HhMnk8/TLOHkyT8RJI/AAAAAAAAADE0/17QJXj2p5uU/s1600/439769451c%5B1%5D.jpg, 18/09/2011)

Estátua de Boudica feita por Thornycroft, 1905.

(<http://www.victorianweb.org/sculpture/thornycroftt/3.html>, 18/09/2011)

Estátua da Rainha Vitória feita por Thornycroft, 1870.

O escultor, Thomas Thornycroft, também fez outras obras representantes da realza da época. A estátua da rainha Vitória, por exemplo, foi terminada em 1869, e entregue em 1870, ela é feita em bronze e seu pedestal é em granito, ela se encontra no planalto de Sant George, em Liverpool.

Contudo, no início do século XX, com o declínio do Império Britânico, as obras escritas falando sobre Boudica aumentaram entre as escritoras, porém, a maioria eram obras indicadas para crianças.

Foi nesse mesmo período que a estátua de Boudica começa a ser utilizada para um outro fim e não mais como um símbolo do Império. A atitude dela e suas ações do passado, contada pelos antigos romanos, o uso de sua figura feminina em apoio as grandes mulheres de poder, assim como a rainha Elizabeth I e Vitória, fez com que a sua imagem passasse a ser vista com algo que remetesse a força das mulheres.

No palco de extrema agitação feminista, pela reivindicação e liberdade de voto das mulheres, as sufragistas Britânicas acabaram por utilizar a estátua de Boudica como ícone de luta e símbolo de representação do feminino. Nessas circunstâncias, a posição da estátua feita por Thornycroft, ainda foi considerada de imensa estratégia, ou seja, ela está colocada de uma forma como se avançasse sobre o parlamento.

(<http://www.museumoflondonprints.com/image/177694/mary-lowndes-suffrage-banner-commemorating-boadicea-1908>, 18/09/2011)

Cartaz comemorativo das sufragistas com as mesmas cores que o crachá, e com o nome de Boadicea

Crachá das Sufragistas pré-1914

(http://www.flickr.com/photos/23885771_N03/5838467357/18/09/2011)

Além disso, como pode ser visto, a figura e mesmo o nome da personagem foi utilizados em cartazes e panfletos. A estátua era o lugar de reunião para as reivindicações do movimento.

Até os dias de hoje, a estátua de Boudica é utilizada por grupos feministas como força de ação para as mulheres, um exemplo disso é o grupo denominado Climate Rush, que além de lutarem pelos direitos das mulheres,

também batalham a favor do meio ambiente. Inspirado nas antigas sufragistas, o movimento também tem a presença de homens como militantes e ainda utilizam a antiga frase das sufragistas, *Deeds not Words*, ou seja, ações não palavras.

Foto com o nome: Boudicca agrees, "deeds not words"

(<http://london.indymedia.org/articles/1518>, 18/09/2011)

CONCLUSÃO

O que pode ser concluído é que as feministas Britânicas utilizaram para suas reivindicações um símbolo da origem do seu passado, que representa a atitude e a força do poder do gênero feminino.

Dessa forma, a figura de Boudicca se tornou um ícone de luta, por ter sido uma guerreira e por ter defendido os Bretões contra o inimigo; é representante do feminino, por ter sido mulher, casada e com duas filhas; e é considerada uma expressão polêmica, por ter feito algo inédito aos olhos dos romanos. Ela é considerada uma inspiração nacional, tanto é que, ao longo da história da Inglaterra, ela foi comparada com outras mulheres poderosas, assim como, a rainha Elizabeth I, rainha Vitória e Margareth Thatcher, além de ser utilizada por algumas dessas mulheres como exemplo de bravura. E, por fim, seu nome e sua forma são clamados até os dias de hoje em movimentos feministas ingleses, sendo, dessa maneira, responsável pela formação de uma identidade nacional.

BIBLIOGRAFIA

- COWPER, W. 1980. *Boadicea: an ode*, In: J. D. Baird and C. Ryskamp (ed.) *The poems of William Cowper*, Oxford, Clarendon Press. 1:1748 – 82, 431 – 32. First published 1782.
- CRAWFORD, J. 1999. *Fletcher's the tragedie of Bonduca and the anxieties of the masculine government of James I*, *Studies in English literature*, 1500 – 1900, 39, 357-81.
- DIO, C. 1925. *Dio's Roman History*. Edited by E. Cary, London, G. B. Putman.
- FLETCHER, J. 1979. 'Bonduca', In: F. Bowers (ed.) *The dramatic works in the Beaumont and Fletcher canon*, Cambridge, Cambridge University Press, IV, 149 – 259. First performed 1609-14.
- GLOVER, R. 1797. *Boadicea*, In: J. Bell (ed.) *British Theatre: volume II*, London, British Library. First performed 1753.
- MIKALACHKI, J. 1998. *The legacy of Boadicea: gender and nation in early Modern England*, London, Routledge.
- FUNARI, P. P. A. & SILVA, G. 2008. *Pós-modernismo*. In: *Teoria da História*. São Paulo: Brasiliense.
- SILVA, G. J. *Gênero em questão – apontamentos para uma discussão teórica*. Mnme – Revista virtual de Humanidades, Dossiê História Cultural. n. 10, v. 5, abr./jun. 2004. Disponível em: <http://www.seol.com.br/mnme>.
- SMOLLETT, T. 1758. *A complete history of England from the descent of Julius Caesar to the treaty of Aix la Capelle*. London, James Rivington and J. Fletcher, first published 1757.
- TACITUS, C. *The annals of Imperial Rome*. Translated by M. Grant, London, Penguin.
- WEBSTER, J. 1978. *Boudica: the British revolt against Rome AD 60*, London, Batsford.
- WILLIAMS, C. 1999. *This frantic woman: Boadicea and English neo-classical embarrassment*, In: M. Wyke and M. Biddiss (eds) *The uses and abuses of Antiquity*, Bern, Peter Lang, 19 – 36.